



# PROPOSITUM

Junho de 2025

Caríssimos Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco,  
Paz e todo o bem!

2025 é um ano particularmente significativo para nós, membros da grande família de Francisco de Assis e para o mundo inteiro: o VIII Centenário do Cântico das Criaturas, uma ocasião para refletir sobre nossa espiritualidade e nossa missão. Neste Ano Jubilar, recordamos com carinho e gratidão a figura do Papa Francisco, que deixou uma marca indelével na Igreja e no mundo. Somos gratos a Deus pelo dom do novo pontificado do Papa Leão XIV, que instila esperança, alegria e paz em nós, em todo o povo de Deus e em toda a humanidade. Desejamos a ele todo o sucesso em seu ministério.

É com grande prazer que lhe enviamos o Propositum, fruto do trabalho de muitos membros da nossa Comunidade Franciscana Internacional. Esse documento é uma ferramenta importante para entender melhor nossa missão e nosso compromisso no mundo de hoje. Nessas páginas do Propositum, você encontrará o resultado de nosso trabalho durante a Assembleia Geral da CFI-TOR, bem como uma declaração clara de nossos objetivos e prioridades, resultantes do processo de reflexão e compartilhamento entre os membros de nossa comunidade.

Gostaria de concluir esta introdução mencionando um evento importante que ocorreu durante nossa Assembleia, de 11 a 15 de maio de 2025: 68 Ministros Gerais e/ou seus delegados reuniram-se na Domus Pacis, em Assis, para a celebração da 11ª Assembleia Geral da Conferência Franciscana Internacional dos Institutos e Mosteiros dos Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco, presidida pela Presidente da CFI-OTR, Irmã Frances Marie Duncan, com o tema “*Franciscanos, reparaí o meu mundo*”.

No último dia da Assembleia, os membros votantes elegeram o novo Conselho que conduzirá a CFI-TOR nos próximos três anos:

### **Presidente**

**Ir. Daisy Kalamparamban** – da Índia - residente em Roma

*Ministra Geral das Servas Franciscanas do Bom Pastor*

### **Membros do Conselho**

**Ir. Lorella Chiaruzzi** (Vicepresidente) da Itália - residente em Rimini

*Ministra Geral das Franciscanas Missionárias de Cristo*

**Ir. PacyfikaLeman** – da Polônia - residente em Roma

*Ministra Geral das Irmãs de São Francisco da Penitência e Caridade Cristã*

**Ir. Georgette Ngom** – do Senegal - residente em Roma

*Conselheiro geral das Franciscanas Missionárias de Maria*

**Ir. Mary Elizabeth Imler** – dos Estados Unidos

*Ministra Geral das Irmãs Franciscanas do Sagrado Coração*

**Ir. Rute Almeida Guimarães** – do Brasil

*Ministra Geral das Irmãs Franciscanas de Deus Providência*

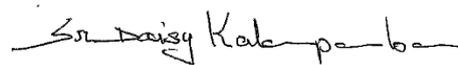
Sou imensamente grata à Presidente Ir. Frances Marie Duncan e ao Conselho cessante pelo trabalho que realizaram com habilidade, acompanhando-nos no crescimento da comunhão e da formação como Família Franciscana. Que o Senhor acompanhe sua jornada como mulheres e homens consagrados e franciscanos com Sua bênção e predileção!

Juntamente com os novos conselheiros que estarão ao meu lado no próximo mandato, desejamos iniciar com entusiasmo esse novo capítulo de nossa história, trabalhando juntos para realizar nossa missão.

Desejo-lhes uma boa leitura e os convido a se juntarem a nós em nossa jornada rumo a uma maior compreensão e compartilhamento dos valores franciscanos.

Com estima e cordialidade,

*Ir. Daisy Kalamparamban*  
CFI-TOR Presidente



## Sumário

Irmã Daisy Kalamparamban, <i>Propositum Carta</i>	1
Irmã Frances Marie Duncan, <i>Relatório do Conselho CFI-TOR 2022-2025</i>	4
Fr. David B. Couturier, <i>Os Franciscanos e o Grande Plano de Deus para a Reparação do Mundo e a Renovação da Humanidade</i>	8



## *RELATÓRIO DO CONSELHO IFC-TOR 2022-2025*

### **Irmã Frances Marie Duncan**

*Irmãs Franciscanas Professoras*

*Roma*

*Idioma original: Inglês*



Irmãs e Irmãos da Terceira Ordem Regular de São Francisco,

Quando nos reencontrarmos em Assis, neste maio de 2025, testemunharemos um mundo em turbulência à nossa volta. Assim, o tema desta assembleia, “Franciscanos, reparaí o meu mundo”, torna-se particularmente importante, pois somos chamados a renovar nossas congregações, a Igreja e nosso mundo. Esperamos que as conversas, formais e informais, inspirem todos a renovar nossos esforços individualmente e como um corpo franciscano comum para fazer nossa parte nessa renovação.

Este relatório sobre o ministério do Conselho IFC-TOR de 2022 a 2025 relata um pouco do que foi feito para cumprir a Visão e as Ações Concretas sugeridas na Assembleia Geral anterior. O Conselho e sua equipe se reuniram pessoalmente todos os anos e virtualmente várias vezes por ano para discutir questões e implementar projetos.

Os membros do Conselho e sua equipe incluem:

Irmã Frances Marie Duncan, Presidente  
Irmã Daisy Kalamparamban, Vice-Presidente  
Irmã Beatriz Vásquez Mayta, Conselheira  
Irmã María Luisa García Casamián, Conselheira  
Irmã Rute Almeida Guimarães, Conselheira  
Fr. Brian Terry, Conselheiro

Sra. Emanuela Miceli, Diretora Executiva  
Irmã Elisa Di Lorenzo, Administradora Financeira  
Sr. Espedito Neto, Webmaster

As três declarações de Visão e Ações Concretas propostas na última assembleia, em maio de 2022, incluíam:

1. Renovação da IFC-TOR através da revisão do objetivo e propósito da conferência, renovação e atualização do site, tecnologia e redes sociais, e investigação para a contratação de um diretor executivo;
2. Recursos de Rede para Programas de Formação por meio da tecnologia e relatórios sobre as celebrações do Centenário;
3. Formar relações colaborativas em sinodalidade com outras organizações franciscanas por meio do partilha de recursos;
4. Foco numa missão coletiva.

Nas primeiras reuniões, através do ZOOM e pessoalmente em Roma no outono de 2022, decidiu-se continuar a busca de uma diretora executiva, pois Irmã Margherita Merlino desejava se aposentar, sendo portanto o momento oportuno para fazer a transição da secretária geral para a diretora executiva, conforme sugerido na última assembleia. Após solicitar às congregações membros pedidos para esta posição e, não tendo recebido nenhuma, a busca passou a incluir os leigos. A busca resultou na contratação da Sra. Emanuela Miceli como diretora executiva do IFC-TOR. A equipe do IFC-TOR é, portanto, composta por três pessoas em tempo parcial: a Sra. Emanuela trabalhando 20 horas por semana, Ir. Elisa trabalhando 2 dias por semana e o Sr. Neto trabalhando 8 horas por semana. No entanto, todos eles dedicam muito mais tempo trabalhando não oficialmente para esta organização.

O site foi motivo de preocupação para o conselho. Nas reuniões via ZOOM discutiu-se em busca de sugestões sobre como tornar mais visível o material disponível no site. Um pedido da última assembleia foi compartilhar os recursos de formação. O conselho viu que o site já tinha muitos recursos disponíveis, mas precisava facilitar a localização destes recursos. Depois de receber muitas sugestões, Sr. Neto iniciou o trabalho de redesenhar o site, acolhendo, ao longo do percurso, também as sugestões dos membros do conselho. O resultado é um site mais fácil de navegar e que evidencia recursos do passado e do presente.

Reuniões mensais da equipe com o presidente foram realizadas para colaborar melhor, em particular no desenvolvimento do site, no planejamento das edições do *Propositum* e no planejamento para esta assembleia. Além disso, visitas quinzenais do presidente ao escritório e vários e-mails e telefonemas criaram um maravilhoso espírito de cooperação entre os membros da equipe.

As edições do *Propositum*, publicadas duas vezes por ano, focaram os temas do Centenário com alguns artigos de autores bem conhecidos e algumas reflexões de membros das congregações franciscanas, como respostas aos artigos. O número editado logo após a última assembleia, referiu as principais falas ocorridas durante a dita Assembleia. Todas elas se encontram no site em todos os idiomas da conferência.

Ao longo dos últimos anos foi dada grande relevância às celebrações do Centenário. A IFC-TOR enquanto membro da Conferência da Família Franciscana, que se reúne duas vezes por ano e é composta pelos 5 Ministros Gerais da Primeira e Terceira Ordens Regulares e Seculares e pelo Presidente da IFC-TOR, esteve representada nas maiores cerimônias de abertura do Centenário e nas maiores celebrações. Estas celebrações foram realizadas em Greccio para lembrar o Presépio de Natal, em Roma para o aniversário da Regra da Primeira Ordem, em LaVerna para os Estigmas e em Assis para a abertura do Ano da Memória do Cântico. Vídeos e textos desses eventos podem ser encontrados no site.

Além da Conferência da Família Franciscana, a IFC-TOR apoia o ministério da Franciscans International tanto financeiramente quanto com um representante no conselho. A Irmã Charity Katongo Nkandu atua como representante para a IFC-TOR e tem participado de reuniões em Nova York e Genebra todos os anos, além de representar a FI e a IFC-TOR em reuniões específicas.



Até um ano atrás, o IFC-TOR era ativo no comitê de JPIC. As Irmãs Sheila Kinsey e Nancy Celaschi renunciaram a este comitê durante o mandato, devido a outros compromissos e mudanças de residência. Nesse ínterim, eu tenho acompanhado os relatórios do JPIC em Roma (Romans VI). Atualmente, elas estão envolvidas na oferta de dois cursos on-line, cursos de JPIC e num evento, “Esperança de Paz”, programado para 29 de setembro com a Pax Christi.

Um representante muito ativo da IFC-TOR tem sido o Irmão Fabrizio Szymanski, em seu papel de nosso contato com o comitê de planejamento do Centenário aqui em Assis. Ele dedicou muito tempo e esforço em reuniões e eventos representando a IFC-TOR e referindo informações pertinentes para nós.

Em relação às comunicações, além do Propositum e das cartas enviadas aos ministros, foram feitas tentativas de fazer uma pesquisa entre os membros para avaliar o que eles mais utilizam do IFC-TOR e o que eles achavam necessário. A resposta foi limitada e não houve uma direção clara, pois as respostas foram variadas e não foi possível restringir as opções. Isso também levou a uma concentração no site para cobrir uma variedade de itens em vídeos e textos.

Os estatutos foram revisados pelo conselho para sugerir atualizações que fossem conformes à mudança da estrutura de liderança, passando de um secretário geral a um diretor executivo, e estabelecendo as reuniões da assembleia a cada três anos, para coincidir com as assembleias da UISG. As demais alterações propostas foram feitas para que os artigos dos estatutos concordassem com estes temas. Para aprovar estas mudanças são necessários dois terços dos votos e a votação será feita nesta assembleia.

Atualmente, temos 225 congregações membros ativos na nossa lista, 83 das quais pagaram taxas em 2024 e atualizaram sua pertinência que era de 109 em 2022. A lista de membros pode ser encontrada na seção Members Only no site. O escritório tem tentado entrar em contato com os membros que não responderam a e-mails ou telefonemas para atualizar suas informações. No entanto, devido à falta de atualização das informações os e-mails poderiam não chegar aos destinatários. Em duas ocasiões, falei diretamente com a Irmã Margaret Carney, que foi fundamental no reforço da IFC-TOR quanto ao seu futuro. Ela foi muito compreensiva com a situação dos números decrescentes e deu várias sugestões de como o IFC-TOR pode continuar no futuro, incluindo a possibilidade de uma parceria com a Universidade Franciscana aqui em Roma. Provavelmente esta será tarefa para a próxima administração.

A situação fiscal da IFC-TOR não é sombria, mas também não é boa, como pode-se constatar no material sobre receitas e despesas preparado pela Irmã Elise. Para pagar as despesas operacionais, tem sido necessário retirar dinheiro dos investimentos todos os anos, pois as despesas são maiores que as receitas. As comunidades que no passado ajudaram com doações consideráveis não puderam nos presentear como no passado. Além disso, este ano, uma ação judicial, que estava pendente há muitos anos, sobre o aluguel de um antigo espaço de escritório, foi resolvida, mas não a nosso favor. Isso determinou o pagamento de um valor alto que foi necessário retirar dos investimentos. Tomamos uma série de medidas para reduzir as despesas, inclusive aquelas consideradas nesta assembleia, reciclando algumas pastas e crachás mais antigos. Além de ser uma poupança, esta é também uma declaração de nosso compromisso para preservar os recursos da terra.

Ao operar como um conselho, a maior dificuldade tem sido encontrar momentos em que os 6 líderes ativos nas congregações, com diferentes fusos horários e muitas vezes em visita, pudessem se encontrar, mesmo no ZOOM. Outro problema é o fato de existirem quatro línguas diferentes, o que significa custos acrescidos para os intérpretes ou mais tempo de tradução uns para os outros nas reuniões. No entanto, apesar destas dificuldades, tentamos o nosso melhor para conhecer e contribuir com o IFC-TOR e aproveitamos o tempo que passamos juntos, em particular nas reuniões presenciais em Roma e Assis.

Olhando para o futuro, os poucos assuntos que foi necessário abordar foram:

- Qual é o futuro do IFC-TOR? Apesar da diminuição em algumas áreas, como podemos atender melhor às necessidades dos membros mais novos da terceira ordem no crescimento de suas congregações?
- De que modo o conselho pode comunicar melhor e se envolver ativamente em todas as áreas do funcionamento normal da IFC-TOR, apesar das diferenças de idioma, fuso horário e compromissos da Liderança Geral?
- Qual é a área sobre a qual o novo conselho mais deve se concentrar nos próximos anos?
- Como podemos melhorar a situação financeira tendo menos membros que pagam as quotas ou as contribuições?
- Como podemos utilizar melhor nossos recursos para reparar nossas congregações, a Igreja e o mundo?



Em conclusão, o conselho e eu agradecemos pela oportunidade de servir vocês nestes três anos. A experiência foi muito enriquecedora, especialmente durante este tempo de comemoração do 800º aniversário. Isso nos proporcionou um tempo para conhecer e celebrar nossa herança franciscana conjunta. Neste ano do Jubileu, que possamos continuar caminhando juntos para levar ao mundo a Alegria de São Francisco e a Esperança de Cristo.

## *OS FRANCISCANOS E O GRANDE PLANO DE DEUS PARA A REPARAÇÃO DO MUNDO E A RENOVAÇÃO DA HUMANIDADE*

**Fr. David B. Couturier**

*OFM. Cap., PhD., DMin. é Professor Associado de Teologia e Estudos Franciscanos e Diretor do Instituto Franciscano na St. Bonaventure University (USA)*

*Idioma original: Inglês*



Muito antes que ao longo destas estradas da Porciúncula surgissem estações ferroviárias, pontos de ônibus, lojas e bares, nesta área havia só florestas e fauna selvagem. Tratava-se de um trecho de terra abandonada que podia ser visto desde as maravilhosas alturas da cidade de Assis, com suas gloriosas igrejas e suas animadas atividades comerciais. Esta floresta servia de refúgio para párias e animais selvagens, para perigosos rebeldes da sociedade, para leprosos com corpos destroçados e lunáticos com as mentes esfareladas, todos aqueles que a sociedade não podia aceitar ou integrar em seus esquemas e convenções.

Era um lugar onde a natureza estava invadida pelas suas paixões primitivas, onde os pensamentos corriam tão selvagens quanto a vegetação, fora das linhas e prescrições, das convenções sociais e dos hábitos da educação imperial e do discurso eclesial. Esta floresta era pontilhada de capelas, a maioria delas arrasadas pelo tempo, pelas intempéries e pela incúria. Estes eram os lugares onde os solitários e os fracos iam rezar. Lugares de misticismo para pessoas arrasadas como os próprios muros e destroçadas como os tetos sob os quais rogavam seu Deus ferido.

Nesta floresta, os frades voltavam periodicamente em busca de renovação. Havia algo em seu terreno áspero e em seu caráter primordial que acendia a esperança de uma maneira que os habituais centros urbanos de seus ministérios não conseguiam alcançar. Talvez porque o próprio Francisco voltava aqui muitas vezes para rezar. Ou, talvez, porque os frades sentiam a necessidade de pousar de novo os pés sobre a mesma terra onde Francisco jazeu nu a noite antes de sua morte. Havia uma sensação de alívio naquele contato com a terra nua, a mesma sobre a qual Francisco estremeceu no frio de uma noite de outubro, despojado de tudo, mas inclinado rumo à abundância exuberante e ao cumprimento de uma morte gloriosa, prelúdio da ressurreição no Senhor.

Hoje estamos aqui para tocar este solo sagrado. Alguns entre nós já o fizeram no passado, outros acabam de chegar e ficam fascinados. Nós também desejamos nos deixar inspirar de novo. E, no entanto, os interesses comerciais e as crises da Igreja se insinuaram entre nós, talvez sem o percebermos, mas com um pouco de cinismo e a ligeira dúvida se das nossas discussões sobre a renovação possa realmente brotar algo de autêntico e significativo. Já falamos e pensamos em renovação muitas vezes antes desta. E além disso não estamos mais na floresta. As primeiras paixões de nossa vida franciscana estão agora bem no fundo de nossa memória, encobertas pelas crises e pelas urgências que nos alcançam sem parar através dos nossos celulares e laptops, com uma intensidade tal que nos torna insensíveis às novidades, cegos perante as oportunidades e imunes ao risco. Mas estamos aqui, em Assis, não para imitar Francisco, pois ele mesmo nos disse claramente, antes de morrer, que não devíamos copiar nem suas palavras nem suas ações. Nossa tarefa é outra: fazer o que é "nosso afazer". Francisco nos lembrou que fomos feitos para a liberdade, a liberdade dos filhos de Deus, chamados a crer não no destino e no medo, mas sim na fé naquele que pode fazer novas todas as coisas.

Vamos falar de renovação, primeiramente das muitas formas que a renovação assumiu na vida religiosa nas últimas décadas. Em seguida vamos voltar ao grande projeto de renovação disposto para nós nas Escrituras. Nos últimos anos alguns estudiosos das Escrituras aprofundaram suas pesquisas sobre o Jesus histórico em seu contexto judaico.<sup>1</sup> Seus estudos revelam um discipulado novo e mais profundo, assim como Jesus o pregou. Tentaremos examinar, no limite do tempo à disposição, o grande projeto de renovação da humanidade que Jesus lançou com seu ministério, sua morte e sua ressurreição. Isso nos fornecerá a base para refletir sobre uma "renovação da renovação" para os anos que virão, uma renovação intencionalmente Cristocêntrica.

### ***Vida religiosa e renovação no mundo de hoje***

Como foi dito acima, a vida religiosa teve seu eixo na renovação desde o Concílio Vaticano II, há mais de sessenta anos. Passamos por muitas fases e períodos, enfrentando questões e desafios de vários tipos.

Desde o Vaticano II (1962-1965), a renovação da vida religiosa tem sido um processo complexo, articulado em fases distintas e caracterizado por diferentes formas e métodos. Os princípios de *aggiornamento* (atualização) e *ressourcement* (retorno às fontes) promovidos pelo Concílio tiveram um impacto significativo neste percurso de transformação.

Na fase inicial da renovação (nas décadas de 1960 e 1970), a vida religiosa foi guiada pelo mandato e as diretrizes contidas no documento conciliar *Perfectae Caritatis* (1965). Nele, a vida religiosa foi reavaliada e repensada à luz dos valores evangélicos, do carisma dos fundadores e de uma tentativa de adaptação aos tempos, contextos e condições contemporâneas. Esta renovação concretizou-se no estudo e na revisão das constituições e dos estatutos. Em alguns casos, hábitos e estruturas tradicionais foram modificados ou, em outros casos, abandonados a favor de modalidades de vida considerados mais pastorais e práticos. Neste período a renovação concentrou-se principalmente no direito canônico e constitucional.

---

<sup>1</sup> Wright, N. T., & Bird, M. F. *The New Testament in its world: An introduction to the history, literature, and theology of the first Christians* (Zondervan, 2019); Bauckham, R. *Jesus and the eyewitnesses: The gospels as eyewitness testimony* (Eerdmans, 2006).

Seguiu, então, um período de crise e reavaliação, na década de 1980, quando a diminuição das vocações religiosas, principalmente no Ocidente, levou a questionamentos sobre a sustentabilidade. O antropólogo Padre Gerald A. Arbuckle estudou modelos culturais de mudança e regeneração e elaborou um programa de *refundação* que prometia sustentabilidade para as congregações religiosas dispostas a identificar figuras proféticas às margens de suas próprias comunidades e lhes oferecia a oportunidade e os meios para revigorar suas congregações a partir de dentro.<sup>2</sup>

A década de 1990 foi marcada também pela publicação de um importante estudo psicológico sobre a vida religiosa realizado pelo P. David Nygren e pela Irmã Miriam Ukeritis. Esta pesquisa, que analisava as fases e as dinâmicas de crescimento, declínio e revigoramento das comunidades religiosas nos Estados Unidos<sup>3</sup>, ficou famosa por uma previsão alarmante segundo a qual a vida religiosa na América teria dez anos para instituir reformas estruturais significativas (baseadas principalmente na integração da missão) ou teria que enfrentar um "inevitável declínio institucional". Lembro de ter encontrado Irmã Miriam Ukeritis no décimo aniversário da publicação daquele estudo, enquanto conduzíamos juntas um seminário sobre liderança para superiores provinciais. Perguntei, então, a ela como haviam se saído naqueles dez anos as comunidades religiosas. Sua resposta foi nítida e sóbria. Ela afirmou que algumas comunidades aceitaram suas sugestões, mas a maioria delas não. Ela temia que muitas congregações tivessem resistido contra as mudanças estruturais e estivessem iniciando seu inevitável declínio institucional.

Nas décadas de 1980 e 1990, outros começaram a alertar sobre a resistência às mudanças que ocorreram após o Concílio. Poderíamos chamar este fenômeno de projeto para uma "reforma da renovação", em homenagem ao livro e aos esforços de indivíduos como Benedict Joseph Groeschel, CFR<sup>4</sup>, ao abordar questões e desenvolver metodologias para a renovação. Ex-frade Capuchinho Franciscano, Groeschel ficou famoso por ter deixado sua província juntamente com vários frades, uns de votos solenes e outros ainda em formação, para protestar contra os que ele considerava modelos de renovação falhados e até corruptos. Embora nenhuma destas acusações tenha sido confirmada por Roma, elas causaram sérias preocupações quanto à direção que a renovação da vida religiosa - e, de modo mais geral, da Igreja Católica - estava tomando. O movimento de Groeschel evidenciou sobretudo a crescente polarização na vida católica entre mentalidades progressistas e tradicionalistas no concernente ao trabalho de renovação e evangelização.

Quando os religiosos e as religiosas entraram no século XXI, pareciam desviar a atenção do declínio das vocações para se concentrar sobre as implicações de um mundo cada vez mais globalizado. Os esforços para uma colaboração mais ampla e novas formas de associação com os leigos deram à vida religiosa energia e confiança para se adaptar aos novos contextos culturais e aos desafios do Evangelho. A Família Franciscana mais ampla uniu suas energias e recursos para se tornar uma voz junto às Nações Unidas. *Franciscans International* tornou-se um ministério compartilhado por toda a família Franciscana, oferecendo um testemunho profético de cuidado com a criação, de construção da paz e a preocupação com os pobres.

---

<sup>2</sup> Gerald A. Arbuckle and David L. Fleming, *Religious Life: Rebirth through Conversion* (New York: Alba House, 1990); Gerald A. Arbuckle *Refounding the church: Dismantling the tradition of division*. (Liturgical Press, 2009).

<sup>3</sup> David Nygren and Miriam D. Ukeritis, *The Future of Religious Life in America: Transformation and Commitment* (Westport, CT: Praeger, 1993).

<sup>4</sup> Benedict J. Groeschel, CFR, *The Reform of Renewal* (San Francisco, CA: Ignatius Press, 1990).

Naquele tempo eu fui eleito primeiro Presidente da *Franciscans International* e falei frequentemente da renovação necessária para viver aquela que eu chamava a "compaixão internacional de Cristo".

Na década de 2020, o Papa Francisco introduziu um dinamismo missionário na vida religiosa, enfatizando o discipulado missionário na sua encíclica *Evangelii Gaudium*, o cuidado da criação na *Laudato Si'* e as estruturas de sinodalidade que podem redefinir a identidade e a missão da vida consagrada. Este "dinamismo missionário" concentra-se mais profundamente na pobreza, na simplicidade e na solidariedade com os marginalizados.

No final, os métodos de renovação foram múltiplos, amplos e intensos, com foco em:

1. Retorno às fontes;
2. Envolvimento com a modernidade;
3. Processos Sinodais;
4. Formação e Educação;
5. Parceria com os leigos.

A renovação da vida religiosa permanece um processo dinâmico e contínuo, caracterizado por uma fidelidade criativa à missão da Igreja e aos carismas próprios de cada instituto religioso. Esta panorâmica sobre a história contemporânea da vida religiosa revela uma lacuna significativa no processo de renovação, não já por uma sua ausência total, mas antes por uma presença que permaneceu sobretudo implícita.

A renovação da vida religiosa nas últimas décadas foi impulsionada pelos cânones, pelo *aggiornamento* dos costumes e pelo *ressourcement* dos carismas e das culturas. Mas em meio a todas estas mudanças e desafios ligados às normas, usos e códigos, surge uma pergunta inevitável: "Onde está Cristo?" Não tenho dúvida alguma - e não pretendo sugerir o contrário - que as mulheres e os homens consagrados amam Cristo, que O seguem e rezam com fervor todos os dias. No entanto, a renovação da vida religiosa não foi explicitamente, vigorosamente, suficientemente e intencionalmente *Cristocêntrica* em seu projeto e desenvolvimento. Eu creio que chegou a hora de torná-la tal.

### ***Cristo e a Reparação e Renovação do Mundo***

Nossa assembleia desta semana começa com uma afirmação audaz: enquanto Franciscanos, nós temos um papel essencial e necessário a desempenhar na reparação e renovação do mundo. A abordagem Franciscana da reparação do mundo será discutida detalhadamente nas duas palestras sucessivas. Aqui, estamos lançando as bases para esta reflexão.

A reparação do mundo é uma extensão e aplicação da intuição originária de Francisco perante o Crucifixo em São Damião, quando ele recebeu o chamado para "reparar a Igreja". Inicialmente, ele interpretou estas palavras ao pé da letra, dedicando-se à alvenaria daquela igreja derrocada. Com o tempo, porém, ele compreendeu que aquele chamado tinha um significado muito mais amplo: reparar a Igreja universal e, mais ainda, o próprio mundo.

Esta revelação decorre da percepção evangélica de que a obra de salvação não se limita a "salvar as almas" e conduzi-las "para o céu". A escatologia Franciscana vai além da promessa de uma vida ultra terrena na qual, uma vez libertados das corrupções do corpo e da terra, os indivíduos irão viver a eternidade de uma bem-aventurança imaterial com Deus.

A pesquisa sobre o Novo Testamento nos indica, hoje, um objetivo mais atraente e abrangente para nossas vidas cristãs. Jesus veio não apenas para "salvar as almas" e conduzi-las para o céu, mas para inaugurar o reino de Deus na terra.<sup>5</sup> Ele nos preparou para a ressurreição de nossos corpos no fim dos tempos, quando o céu descerá sobre a terra e Deus reinará "na terra como no céu" e ressuscitará os corpos numa nova criação. Jesus veio para derrotar o mal, revelar a verdadeira natureza de Deus, restabelecer a vocação humana, cumprir a história de Israel, lançar a nova criação e convidar as pessoas para uma vida transformada. Sua vinda foi o ponto de viragem decisivo na história, o que deu o arranque ao plano de Deus para renovar o mundo.

O falecido estudioso e especialista em "o reino de Deus", P. John Fuellenbach, SVD, expressou isso bem:

Qual era o objetivo de Jesus? O que ele pretendia transmitir? Qual era sua missão? Ele expressou sua mensagem e sua missão com as palavras "Reino de Deus", um conceito rico de muitos significados, mas que abrangia tudo o que Jesus desejava comunicar. Ele escolheu e chamou os discípulos para levar adiante sua missão, a mensagem do Reino: "Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio" (Jo 20, 21). Pois que a mensagem de Jesus era o Reino, como ele mesmo disse: "para isso eu fui enviado" (Lucas 4, 43), nossa mensagem também deve ser a mesma, quer a nível individual quer comunitário. O Concílio Vaticano II definiu a Igreja segundo este mesmo princípio: a Igreja deve considerar-se a serviço do Reino de Deus, entendido como a transformação do mundo inteiro.<sup>6</sup>

A extraordinária análise de Fuellenbach sobre o reino de Deus nos lembra que a obra de salvação não deve ser concebida como uma simples "operação de resgate" para almas em dificuldade. As intenções de Deus são muito mais audazes do que isso. O objetivo da salvação no Reino de Deus é a transformação da criação inteira. Mais uma vez Fuellenbach nos oferece esta preciosa intuição:

A salvação não deve ser entendida, em primeiro lugar, como uma operação de resgate através da qual aqueles que devem ser salvos serão arrancados deste mundo que não tem futuro, pois está condenado a desaparecer. A salvação é concebida como transformação. Ser salvo significa que não somos tirados deste mundo, mas que o próprio Deus vem a este mundo para salvá-lo e transformá-lo na plenitude de sua imagem. Este é o objetivo da criação: tornar-se o Ícone da Trindade e, ao fazê-lo, expressar a essência de Deus na sua criação.

Trata-se de uma transfiguração e revolução total, global e estrutural da realidade humana; é o cosmos purificado de todo o mal e cheio da realidade de Deus. O Reino não está em outro mundo, mas é o velho mundo transformado em novo (L. Boff).<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> N. T. Wright, *Surprised by Hope: Rethinking Heaven, the Resurrection, and the Mission of the Church* (San Francisco: HarperOne, 2008).

<sup>6</sup> John Fuellenbach, SVD, "The Kingdom of God: Jesus' Principle of Action in the World. Presented to SEDOS, Rome, December 2005, accessed at the following link:

The Kingdom of God: [https://relforcon.org/files/fullenbach.the\\_kingdom\\_of\\_god.pdf](https://relforcon.org/files/fullenbach.the_kingdom_of_god.pdf).

<sup>7</sup> Ibid.

Os discípulos de Jesus são chamados a participar da grande missão de Deus, a de restaurar e renovar a humanidade para uma vida mais abundante, uma missão que Deus principiou com a vida, a morte e a ressurreição de Jesus. O grande estudioso do Novo Testamento NT Wright argumenta que a ressurreição de Jesus não é a prova de uma vida após a morte em algum lugar afastado, mas é o início, aqui, de uma nova realidade na qual Deus está fazendo "novas todas as coisas" (Apocalipse 21, 5). Ele escreve:

A ressurreição de Jesus é o início da nova criação, enquanto a ascensão de Jesus, como profetizado em Daniel 7, representa o momento em que Ele recebe toda a autoridade no céu e na terra.<sup>8</sup>

De fato, a ressurreição de Cristo é a "primícia" (1 Coríntios 15, 20) do que acontecerá com toda a criação. A renovação não apenas tarefa de homens e mulheres para melhorar suas vidas aqui e agora, mas é algo maior que está acontecendo. E isso significa que o cosmos inteiro aguarda a renovação. Em Romanos 8,19-23, Paulo descreve a criação que geme, ainda agora, aguardando sua libertação da morte e da decadência. Wright comenta:

Paulo não está falando só do destino dos seres humanos. Ele está falando de todo o cosmo, de toda a ordem criada.<sup>9</sup>

Isso significa que a salvação não é uma fuga do mundo material, mas a renovação de tal mundo. Muitas vezes esquecemos que não apenas nossos corpos serão ressuscitados um dia (e somos chamados a viver à espera disso), mas também nossa terra e todas as suas criaturas serão reparadas e renovadas. João 3,16 nos lembra que "de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho unigênito".

O mistério de "reparar o mundo" já é uma conclusão inevitável no cristianismo. Os cristãos são chamados a serem agentes de restauração, tanto em âmbito espiritual quanto prático. Os ensinamentos de Jesus evidenciam o amor a Deus e ao próximo (cfr. Marcos 12, 30-31). Este amor construído manifesta em atos de caridade, justiça e serviço. Os cristãos são chamados a serem construtores de paz (Mateus 5:9) e a promover a reconciliação nas relações pessoais e na sociedade (2 Coríntios 5, 18-19). A Bíblia ordena repetidamente aos crentes o cuidado dos marginalizados (Provérbios 31, 8-9, Isaías 1,17, Mateus 25, 35-40). O cristianismo considera a reparação e restauração do mundo essenciais para a missão redentora de Deus. Através do amor, da justiça, da custódia e da renovação espiritual, os cristãos procuram sanar toda a fratura, enquanto aguardam a restauração completa que Deus prometeu.

E, no entanto, esta reparação do mundo é cada vez mais rejeitada pelo imaginário secular. É interessante observar que inicialmente os filósofos pessimistas do Iluminismo haviam atribuído aos seres humanos uma inclinação inata para o progresso. Eles defendiam que, uma vez libertada a mente das (supostas) loucuras da religião, a humanidade poderia se dedicar ao que eles chamavam "o inevitável progresso humano".

---

<sup>8</sup> N.T. Wright, *Surprised by Hope: Rethinking Heaven, the Resurrection, and the Mission of the Church* (San Francisco: HarperOne, 2008), (New York: Harper One), 77.

<sup>9</sup> N. T. Wright, *Surprised by Hope: Rethinking Heaven, the Resurrection, and the Mission of the Church* (San Francisco: HarperOne, 2008), 140.

Sucessivamente, quando o "progresso" da modernidade produziu o mais sangrento dos séculos da história humana (o XX século), juntamente com a terrível capacidade de aniquilação nuclear, eles abandonaram o progresso e pregaram o desespero e a alienação. E assistimos, hoje, no atual clima político, um espetáculo triste e perigoso: a reparação secular do mundo está sendo abandonada para ser substituída pelo hipernacionalismo, pelo ressurgimento da ganância desavergonhada, pelo abandono dos programas de ajuda exterior e pela ascensão de governos autoritários.<sup>10</sup> Os políticos contemporâneos estão abandonando o projeto de reparar o mundo, uma característica assustadora de nossa mentalidade pós-moderna.<sup>11</sup>

De alguma forma, o céu ficou preso nesta armadilha. Wright argumenta que agora equivocamos o termo "céu" no léxico cristão. Wright critica a ideia muito comum de que o objetivo da salvação é deixar este mundo desesperado e perverso e ir para o céu, qual fim adequado e eterno da existência humana. Em vez disso, ele insiste:

O céu não é o fim do mundo, mas sim o lugar onde são guardados os planos de Deus para o futuro do mundo.<sup>12</sup>

A visão bíblica da renovação não se refere às almas que deixam a terra, mas a algo muito mais significativo: Deus que vem para reparar e renovar o mundo, criando novos céus e uma nova terra onde Ele poderá caminhar novamente com a humanidade "na brisa da tarde" (Gênesis 21, 22).

Nesta grande missão, o papel da Igreja é antecipar e trabalhar para a reparação do mundo e a renovação da criação. Nosso trabalho como cristãos é contextual e antecipatório. Wright afirma:

O que você faz no presente - pintando, pregando, cantando, costurando, orando, ensinando, construindo hospitais, cavando poços, fazendo campanha por justiça, escrevendo poemas, cuidando dos necessitados, amando o próximo como a si mesmo - durará para sempre no Futuro de Deus.<sup>13</sup>

Não estamos neste mundo para vê-lo estremecer e tremer em sua agonia de morte. São Paulo nos diz que o que vemos e ouvimos agora é um mundo que já está gemendo, chorando e suspirando por causa de todas as suas tentativas fracassadas de garantir a justiça e restaurar a paz.

---

<sup>10</sup> Kim Phillips-Fein, *Invisible Hands: The Businessmen's Crusade Against the New Deal* (W.W. Norton, 2010) and *Fear City: New York's Fiscal Crisis and the Rise of Austerity Politics* (Metropolitan Books, 2017).

<sup>11</sup> Richard R. John and Kim Phillips-Fein, *Capital Gains: Business and Politics in Twentieth-Century America* (University of Pennsylvania, 2017).

<sup>12</sup> N. T. Wright, *Surprised by Hope: Rethinking Heaven, the Resurrection, and the Mission of the Church* (San Francisco: HarperOne, 2008), 25.

<sup>13</sup> N. T. Wright, *Surprised by Hope: Rethinking Heaven, the Resurrection, and the Mission of the Church* (San Francisco: HarperOne, 2008), 204.

Paulo escreve:

A própria criação aguarda ansiosamente a revelação dos filhos de Deus; ela de fato foi submetida à caducidade - não voluntariamente, mas por vontade daquele que a sujeitou - e ela alimenta a Esperança de ser ela também libertada do cativeiro da corrupção, para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Nós sabemos que toda a criação geme e sofre até hoje em dores de parto. (Romanos 8, 19-22)

O que estamos ouvindo não é o lento e lancinante fim do mundo. Estamos ouvindo o mundo que luta aguardando uma grande restauração, uma mais bela e grande criação. A igreja, portanto, e nós, como religiosos, através de nossa missão de justiça, beleza e amor, participamos da restauração, cura e renovação do mundo por parte de Deus, que já agora antecipa o que o Senhor realizará plenamente no fim dos tempos.

### ***A Espiritualidade da Reparação Mundial***

Em memória de Francisco e Clara, desejamos basear nossos pensamentos na reparação do mundo no grande plano de Deus de criar um novo céu e uma nova terra. Isso deveria tranquilizar os que temem a politização e a polarização da vida religiosa. Não pretendemos construir uma utopia religiosa a partir dos fragmentos de modernidade deixados pelos filósofos do Iluminismo dos séculos XVIII e XIX. Com certeza não propomos reproduzir os esforços do século XX para projetar grandes sociedades baseadas em princípios universais de desenvolvimento humano criados pelo homem. Já muitos destes esforços fracassaram na história.

A tarefa desta manhã é a de lançar as bases para nosso compromisso franciscano de reparar o mundo segundo os princípios estabelecidos nas Escrituras. Nosso arbítrio deveria estar enraizado nos propósitos de Deus para o mundo e nosso programa baseado em nossa compreensão da natureza global da salvação. Dito isso, a obra de salvação, assim como a praticamos enquanto religiosos e religiosas deve envolver:

1. "*seres humanos inteiros e não apenas almas*". Devemos nos preocupar com o bem integral de cada pessoa e não simplesmente com bens parciais ou interesses selecionados de corpos, mentes ou almas. Esta abordagem é a ruína da maioria das operações políticas atuais.
2. "*o presente, não apenas o futuro*." Ao longo dos séculos os cristãos dedicaram-se às condições e circunstâncias de seus irmãos e irmãs. Desde o início, a Igreja primitiva era conhecida em Roma por sua caridade para com viúvas e órfãos e, em particular, para com os moribundos. Graças à assistência oferecida, acreditava-se que as comunidades cristãs tivessem poderes milagrosos, pois os doentes se recuperavam de doenças graves.

3. "o que Deus faz através de nós, não apenas o que Deus faz em nós e por nós." Aqui, NT Wright faz uma distinção importante. Deus nos confia a obra de salvação. Nós nos unimos ao cuidado e à justiça do Senhor no mundo. Somos batizados em Cristo para sermos crucificados com Ele, assim que possamos "consolar os outros com a mesma consolação que recebemos d'Ele".<sup>14</sup>

É importante lembrar o contexto no qual Jesus ensinava. Jesus era judeu, ele pensava como um judeu, rezava como um judeu e entendia os propósitos de Deus em termos de tradições, costumes e experiência judaicas. Jesus também viveu durante período da opressão numa terra ocupada e governada pelo brutal regime de Roma. A religião que mais crescia na época de Jesus era o culto ao imperador romano e a adoração de César. A renovação da humanidade, portanto, está centrada no papel do culto na vida do cristão.

Para Wright, o culto é um ato de nova criação no presente. Quando os crentes se reúnem em adoração, eles não estão apenas lembrando o passado ou ansiando pelo futuro; eles participam ativamente do reino de Deus, que já está irrompendo no mundo. Através do culto a Igreja antecipa e incorpora o novo céu e a terra, onde Deus habitará plenamente com Seu povo (Apocalipse 21:3). Ele escreve: "O culto cristão declara de antemão como será o novo mundo, reivindicando-o já em nome de Jesus."<sup>15</sup>

Wright evidencia frequentemente que o culto não é uma atividade passiva, mas um ato de resistência contra os poderes do mundo. No mundo romano, César era o Senhor (Kyrios). Dizer "Jesus é o Senhor" durante a adoração correspondia a negar a autoridade de César. Da mesma forma, a adoração atual desafia os falsos deuses do consumismo, do nacionalismo, do totalitarismo e do individualismo. Wright afirma: "O culto é política. Quando adoramos o Cordeiro no trono, estamos recusando a fidelidade aos poderes do mundo que corrompem e escravizam."<sup>16</sup>

Para N.T. Wright, o culto não é uma fuga do mundo, mas **uma fonte de renovação**. Ele restabelece a verdadeira vocação da humanidade, resiste à idolatria e antecipa a transformação final de todas as coisas realizada por Deus. Quando a Igreja celebra, ela é um sinal vivo **da nova criação que está chegando**.

Quando celebra a Igreja também cria (pela graça) as condições para provocar mudanças políticas no mundo. O culto, de fato, é um ato de realinhamento que transforma e redireciona o mundo rumo à justiça, à paz e ao verdadeiro reino de Deus.

Wright vê a adoração e a missão como profundamente interconectados. Ele escreve: "A igreja existe principalmente para duas finalidades intimamente relacionadas: adorar a Deus e trabalhar para seu reino no mundo ... Através do culto a raça humana renovada encontra sua vocação central."<sup>17</sup> O verdadeiro culto leva à ação – justiça para os pobres, cuidado da criação e reconciliação no mundo.

<sup>14</sup> NT Wright, *Surprised by Hope: Rethinking Heaven, the Resurrection, and the Mission of the Church*, 100.

<sup>15</sup> N. T. Wright, *Simply Christian: Why Christianity Makes Sense* (New York: HarperSanFrancisco, 2006), 176.

<sup>16</sup> : N. T. Wright, *Revelation for Everyone* (Louisville: Westminster John Knox Press, 2011), 198.

<sup>17</sup> N. T. Wright, *For All God's Worth: True Worship and the Calling of the Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 2000), 105.

Em sua análise da renovação no Novo Testamento, NT Wright nos lembra que a renovação eclesial é mais do que o desenvolvimento profissional ou a formação permanente. Não é um processo de credenciamento que nos permite ganhar pontos para uma promoção em nossos contratos. Wright evidencia que, para São Paulo, a renovação da humanidade é um movimento cósmico com implicações profundas que vai para além da própria humanidade e envolve todas as coisas.

A imagem restaurada de Deus numa humanidade renovada coloca os cristãos acima de todos os impérios pagãos, através da verdadeira adoração de Deus. A missão de Deus não é apenas uma evangelização individualista, mas sim o cumprimento da esperança judaica: um movimento cósmico que inicia com a ressurreição de Jesus e tem seu ápice na renovação de todas as coisas.<sup>18</sup>

Wright mostra como o Novo Testamento prevê a renovação da humanidade através do culto, da ressurreição, da santidade, do amor, da missão e do significado de nossa atual existência corpórea.

Aprender a viver como cristãos significa aprender a viver como seres humanos renovados, antecipando a nova criação final num mundo que ainda anseia e geme pela redenção final.<sup>19</sup>

### ***O Discipulado mais profundo de Jesus***

Nesta altura já é evidente que a renovação da humanidade, da qual fazemos parte como cristãos batizados e religiosos consagrados, exige um discipulado mais profundo e intenso do que imaginávamos. Seguir Jesus nos envolve e nos empenha na renovação da humanidade, um processo que inicia com a Ressurreição de Jesus e vai até o fim dos tempos. Ser discípulos não é apenas uma devoção individual, nem pode ser limitado às comunidades locais ou até mesmo nacionais. A comunhão dos discípulos de Jesus tem uma dimensão internacional e cósmica. Trata-se da renovação da própria humanidade e de toda a criação também.

O cristianismo desenvolveu vários modelos de discipulado ao longo da história, influenciados por diferentes tradições, perspectivas teológicas e contextos culturais.

---

<sup>18</sup> N. T. Wright, *What Saint Paul Really Said: Was Paul of Tarsus the Real Founder of Christianity?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1997), 178.

<sup>19</sup> N. T. Wright, *Simply Christian: Why Christianity Makes Sense* (New York: HarperSanFrancisco, 2006), 196.

Podemos identificar e descrever dez tipos principais.

<b>Tipo de Discipulado</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplos</b>
<b>Discipulado Pessoal (Individual)</b>	Concentra-se na orientação, na responsabilidade e no crescimento espiritual pessoal.	Acompanhamento espiritual, aconselhamento pastoral, parcerias de responsabilidades.
<b>Discipulado Baseado na Comunidade</b>	Incentiva o aprendizado compartilhado e o encorajamento recíproco dentro dos grupos.	Igrejas domésticas, grupos de célula, grupos de discipulado (D-Groups).
<b>Discipulado Litúrgico e Sacramental</b>	Enfatiza a formação através dos sacramentos e o culto estruturado.	Tradições católicas, ortodoxas e anglicanas.
<b>Discipulado Missionário e Evangelista</b>	Centra-se na difusão do Evangelho através das culturas.	Organizações missionárias, evangelização de rua, movimentos de fundação de igrejas.
<b>Discipulado Monástico e Contemplativo</b>	Concentra-se na oração, no jejum e na solidão, muitas vezes dentro de comunidades monásticas.	Tradições monásticas beneditinas, franciscanas e ortodoxas orientais.
<b>Discipulado Educacional e Teológico</b>	Incentiva a formação teológica e o crescimento intelectual.	Seminários, escolas bíblicas, estudos de teologia sistemática.
<b>Discipulado Carismático e Guiado pelo Espírito</b>	Enfatiza os dons espirituais, os encontros sobrenaturais e a guia do Espírito Santo.	Movimentos pentecostais, ministérios proféticos, ministérios de cura.
<b>Justiça Social e Discipulado de Serviço</b>	Implica viver a fé através da ação social e da ajuda aos marginalizados.	Organizações humanitárias cristãs, movimentos de teologia da libertação.
<b>Discipulado Familiar e Geracional</b>	Concentra-se na formação da fé dentro das famílias e entre as gerações.	Devocionais familiares, ensino doméstico com uma visão bíblica do mundo.
<b>Local de Trabalho e Discipulado Vocacional</b>	Integra a fé com a vida profissional e a ética.	Redes comerciais cristãs, estudos bíblicos no local de trabalho.

Cada tipo de discipulado descrito concentra-se em aspectos fundamentais da vida cristã, como a oração, o jejum, a integração, a missão e os sacramentos. Cada um deles tem seus pontos de força e suas oportunidades, mas apresenta também alguns limites. É importante reconhecer o risco de interpretações reducionistas em qualquer tipo de discipulado.

Uma abordagem, por exemplo, poderia dar prioridade aos interesses individuais em detrimento do bem comum, enquanto outra poderia enfatizar os dons espirituais em detrimento da ação concreta.

A seguir, uma lista dos principais limites de cada tipo de discipulado ajudará a compreender melhor suas dinâmicas. Cabe reiterar que todos os dez tipos representam uma tentativa sincera de seguir o Senhor, mas cada um implica também em desafios que merecem nossa atenção. Aqui está uma avaliação crítica dos potenciais limites de cada abordagem:

Tipo de Discipulado	Limites
Discipulado Pessoal (Individual)	Pode levar à dependência de um único mentor antes que a uma formação cristã completa, com o risco de ser guiada pela personalidade antes que centrada em Cristo.
Discipulado Baseado na Comunidade	Pode se tornar focada em si mesma, favorecendo o pensamento de grupo antes que o crescimento orientado à missão; às vezes pode priorizar as relações antes que a profundidade teológica.
Discipulado Litúrgico e Sacramental	Pode se tornar excessivamente ritualística, enfatizando a participação externa antes que a transformação interna, o que pode limitar o empenho pessoal ativo no discipulado fora do culto formal.
Discipulado Missionário e Evangelista	Às vezes, pode se concentrar na conversão antes que na formação a longo prazo; corre o risco de ser insensível à cultura ou de assumir atitudes coloniais em contextos de missão.
Discipulado Monástico e Contemplativo	Pode se tornar muito isolada do mundo, limitando o empenho com a sociedade em geral; pode não ser acessível aos leigos ou aos que são chamados para vocações ativas.
Discipulado Educacional e Teológico	Corre o risco de ser intelectualista sem transformação espiritual e priorizar o conhecimento em vez da obediência e da fé vivida.
Discipulado Carismático e Guiado pelo Espírito	Pode se deixar guiar pela experiência em vez que enraizar-se nas Escrituras; corre o risco de enfatizar excessivamente os dons espirituais negligenciando a formação do caráter e a doutrina.
Justiça Social e Discipulado de Serviço	Pode priorizar o ativismo antes que a formação espiritual pessoal, com o risco de reduzir o cristianismo à uma mera ação moral antes que uma relação com Cristo.
Discipulado Familiar e Geracional	Pode reforçar estruturas familiares insalubres ou excluir os que não têm um background familiar cristão; pode se concentrar demais na tradição sem promover o desenvolvimento crítico da fé.
Discipulado no Local de Trabalho e Vocacional	Corre o risco de compartimentar a fé na vida profissional em vez de integrá-la plenamente, o que pode levar a priorizar o sucesso antes que a integridade espiritual.

## *A importância do discipulado intencional*

Se por um lado os modelos de discipulado acima mencionados ajudaram milhões de cristãos a desenvolver a própria fé ao longo dos anos, por outro emergiu uma nova abordagem que enfatiza a intencionalidade, a dedicação, o compromisso ativo e o serviço.

*O discipulado intencional* é um método estruturado e visado à formação cristã segundo o qual os indivíduos ou as comunidades buscam ativamente o crescimento da fé, no caráter e na missão.<sup>20</sup> Ele é contraposto ao discipulado passivo ou acidental, onde o crescimento espiritual é deixado ao acaso ou limitada à participação ocasional na vida da Igreja. Existem cinco características principais que diferenciam as formas intencionais de discipulado daquelas mais passivas.

- **Crescimento deliberado na semelhança de Cristo:** O Discipulado Intencional (DI) tem suas raízes no mandamento de Jesus referido em *Mateus 28:19-20*: "Ide e fazei discípulos de todas as nações..." Ele se concentra na transformação cristã ao longo da vida, e não apenas na conversão ou no conhecimento.
- **Relacional e Responsável:** este Discipulado Intencional desenvolve-se geralmente através da orientação, o confronto em pequenos grupos ou a direção espiritual, e incentiva a responsabilidade mútua nas disciplinas espirituais (oração, Escritura e serviço).
- **Holístico e Integrado:** este Discipulado Intencional equilibra a fé pessoal, o empenho comunitário e a missão abrangendo várias dimensões: intelectual (teologia), espiritual (oração), moral (virtude) e prática (serviço).
- **Orientado para a missão:** (DI) encoraja os discípulos a formar outros discípulos (*2 Timóteo 2, 2*: "O que de mim ouviste em presença de muitas testemunhas, confia-o a homens fiéis que, por sua vez, sejam capazes de instruir outros"). Promove a integração da fé na vida cotidiana, no trabalho e no empenho para a justiça social.
- **Guiado pelo Espírito e Contextual:** (DI) se guia pelo Espírito Santo, não por programas rígidos. Sua flexibilidade torna-o adaptável a culturas e situações de vida diferentes.

Os modelos de discipulado intencional exigem um forte empenho. Diferentemente de outras abordagens menos informais, eles se baseiam na transparência e na responsabilidade recíproca. E, ainda, eles são sensíveis ao fator tempo, exigindo dedicação e constância para construir relações, aprofundar a fé e formar-se na missão através do serviço.

## *Conclusão: Renovação Intencional e Discipulado Profundo*

Destacamos duas tendências significativas na formação espiritual atual. A primeira vem da intensa pesquisa que está sendo realizada no âmbito dos estudos do Novo Testamento por pesquisadores britânicos, australianos e americanos, entre os quais NT Wright, Michael Bird, Richard Hays, Michael Gorman, Richard Bauckham,

---

<sup>20</sup> Sherry Shedell, *Intentional Discipleship: A Guide to Christian Growth and Mission* (Grand Rapids: Zondervan, 2018).

Larry Hurtado e outros.<sup>21</sup> A principal intuição deles é que o Novo Testamento funda-se em relatórios confiáveis de testemunhas oculares da vida, do ministério, da paixão, da morte e da ressurreição de Jesus. Estes estudos enfatizam fortemente o contexto judaico no qual viveram Jesus e seus primeiros sequazes. Evidenciando como seu ensinamento não seja separável dos desafios sociais, religiosos, culturais e políticos de Israel na época de Jesus e da Igreja primitiva. Toda a teologia é contextual, embora muitos de nós tenham se formado com métodos teológicos e catequéticos muitas vezes abstratos e desligados de seus contextos filosóficos e culturais originais. Hoje, em vez, somos chamados para uma metodologia diferente, mais atenta às experiências sociais, religiosas, culturais e psicológicas de nossos irmãos e irmãs na fé.

A segunda tendência nos convida à uma renovação deliberada e a um discipulado profundo. No início desta palestra, mencionei as primeiras tentativas de renovação da vida religiosa após o Concílio Vaticano II. Evidenciei que muitas destas iniciativas representavam formas canônicas e legais de adaptação que, porém, raramente consideravam as modalidades de aprendizagem dos adultos e o tempo necessário para a adaptação e a assimilação. Muitas vezes, estas intervenções chegavam como "ordens de cima" desprovidas de explicações adequadas. Esta falta de clareza dificultou o processo de renovação, não já por uma resistência ativa, mas pela confusão e as mensagens contraditórias. No entanto, os métodos mudaram.

Agora temos a oportunidade de uma renovação mais deliberada e de um discipulado profundo. Alguns entre vocês já desenvolveram a própria versão deste caminho, adaptando-o às suas exigências e interesses. Eu acredito, porém, que hoje seja necessário um discipulado intencional e profundo a ser vivido juntos, como projeto comum, embora respeitando a paixão e a experiência de cada indivíduo. O que faltou nas precedentes formas pessoais de renovação intencional foi a imaginação social e uma visão de mundo capazes de fortalecer e ampliar nossa visão da vida cristã. O cristianismo é, de fato, uma visão do mundo, inspirada pela graça de Jesus Cristo, que desafia as idolatrias de cada época, em particular aquelas enraizadas nas formas culturais e nas agendas políticas.

---

<sup>21</sup> N. T. Wright, *Surprised by Hope: Rethinking Heaven, the Resurrection, and the Mission of the Church* (San Francisco: HarperOne, 2008); Michael F. Bird, *The Gospel of the Lord: How the Early Church Wrote the Story of Jesus* (Grand Rapids: Eerdmans, 2014); □ Richard B. Hays, *The Moral Vision of the New Testament: A Contemporary Introduction to New Testament Ethics* (San Francisco: HarperSanFrancisco, 1996); Michael J. Gorman, *Cruciformity: Paul's Narrative Spirituality of the Cross* (Grand Rapids: Eerdmans, 2001); Richard Bauckham, *Jesus and the Eyewitnesses: The Gospels as Eyewitness Testimony* (Grand Rapids: Eerdmans, 2006); Larry W. Hurtado, *Lord Jesus Christ: Devotion to Jesus in Earliest Christianity* (Grand Rapids: Eerdmans, 2003).

Procuramos um modelo de renovação intencionalmente profundo e cristocêntrico. Não é suficiente que as pessoas religiosas, de qualquer idade, percorram o caminho espiritual "sozinhas". Tão pouco é suficiente simplesmente seguir regras, horários ou obrigações. Para usar as palavras de São Paulo, ser "em Cristo" significa ir além da simples socialização baseada nas regras da vida comum.<sup>22</sup>

O grande plano de Deus para a humanidade não deve ser subestimado. Trata-se nada menos que da transformação da criação inteira. Um processo inicia com a Ressurreição do Senhor e culmina com Seu retorno na glória no final dos tempos. E nós, como discípulos do Senhor ressuscitado, já batizados em Cristo, somos chamados a contribuir, desde já, com o arranque deste processo de transformação. Seja qual for a idade, os talentos e as qualidades que cada um de nós possui, nós temos um objetivo e um papel a atuar neste grande projeto de reparação do mundo.

Depois de lançar uma base sólida para a tarefa que nos espera, nos dirigimos agora ao exemplo de Francisco e Clara de Assis, para que nos guiem no nosso empenho de reparar o mundo de hoje.



<sup>22</sup> Michael J. Gorman, *In Christ: The Christian's Relationship with Christ* (Grand Rapids: Eerdmans, 2019).

*Perguntas para discussão:*

### **1. Renovação centrada em Cristo e vida religiosa**

*Segundo Couturier, a renovação da vida religiosa frequentemente focou-se mais nas estruturas, nos cânones e nos costumes do que na centralidade de Cristo.*

- De que maneira nossas congregações podem intencionalmente reorientar os esforços de renovação para um discipulado profundo e uma missão centrada em Cristo?
- Como podemos garantir que nossa renovação não envolva apenas o aspecto institucional, mas tenha também um impacto transformador a nível espiritual e comunitário?

### **2. O empenho Franciscano para reparar e renovar o mundo**

*Com base na tradição Franciscana e nos estudos sobre o Novo Testamento, Couturier evidencia que a missão de Jesus não envolvia apenas a salvação das almas, mas também a inauguração do reino de Deus e a restauração da criação.*

- Como esta concepção de renovação pode desafiar ou aprofundar nossa concepção atual da missão e da evangelização?
- Quais medidas concretas podemos tomar para alinhar nossos ministérios com esta visão mais ampla de renovação, em particular num mundo fragmentado e polarizado?

### **3. Discipulado Intencional e Formação**

*Couturier discute vários modelos de discipulado e evidencia a necessidade de um discipulado intencional e profundo que integre a formação, a missão e o empenho na comunidade.*

- Quais desafios devemos enfrentar para promover o discipulado intencional dentro de nossas congregações, em particular num contexto global em rápida evolução?
- Como podemos adaptar de modo criativo nossos processos de formação para cultivar uma vida religiosa mais empenhada e orientada para a missão que atenda às necessidades do mundo contemporâneo?

*Grupo Português*





**Propositum** é um periódico de história franciscana e espiritualidade da Terceira Ordem Regular publicado pela Conferência Franciscana Internacional dos Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco - CFI-TOR.

**Propositum** recebe seu nome e inspiração do “*Franciscanum Vitae Propositum*”, a carta Apostólica de 8 de dezembro de 1982, na qual Sua Santidade o Papa João Paulo II aprovou e promulgou a Regra e Vida revisada dos Irmãos e das Irmãs da Terceira Ordem Regular de S. Francisco. A revista é publicada em Inglês, Francês, Alemão, Italiano, Espanhol e Português.

O arquivo completo das publicações de **Propositum** está disponível em  
[www.ifc-tor.org/pt-br/propositum](http://www.ifc-tor.org/pt-br/propositum)